

## Perspectiva promissora na actividade electrotécnica

A qualidade e a apresentação pontual da «Electricidade. Energia. Electrónica», durante tantos anos decorridos, confirmam a orientação vocacionada desde a sua origem e, como pensamos, atestam que os objectivos que basearam a promoção desta revista técnica portuguesa têm sido cabalmente conseguidos.

Por outro lado, todavia, a experiência revelada, durante este já longo período, no contacto (através dos nossos colaboradores) com o desenvolvimento sectorial, permite-nos detectar, na evolução da sociedade portuguesa, certas características que podem qualificar-se de bem fundamentadas e realistas.

Não cremos que, na óptica desse desenvolvimento e em relação ao decénio que acaba agora, as inovações assinaláveis ou os feitos materiais realizados em território nacional tenham ocorrido tal como se evidenciaram, nos anos antecedentes, tanto em Portugal como em Angola e Moçambique. Com efeito, neste campo, a década de setenta mais se tem caracterizado por realizações de rotina (de forte incidência conjuntural) do que claramente influenciada por planificação e programas estruturais assentes em perspectivas de desenvolvimento sócio-económico.

Ao contrário, todavia, em outra face da mesma questão, em quanto respeita à investigação e estudo (na órbita, portanto, da cultura electrotécnica e do labor intelectual dos estudiosos portugueses) a situação apresenta-se-nos marcadamente diferente.

Antes de tentarmos clarificar melhor esta tendência, vamos abrir um pequeno parêntese, para sublinhar certa matéria de facto cujo testemunho nos é revelado por observação do que se tem passado no que toca aos colaboradores da nossa revista.

Desde a sua fundação até agora, esta publicação tem-se valorizado exclusivamente com a colaboração (materialmente desinteressada) dos que lhe dedicam, em todos os campos da electrotecnia, teórica e aplicada, o melhor da sua capacidade de exposição, didáctica ou descritiva, através de variadas matérias cuja divulgação se qualifica de comprovado interesse.

Terá de confessar-se, todavia, que, nos velhos tempos passados, a preocupação dominante do trabalho coordenador da revista se situava persistentemente na busca dessas colaborações idóneas. Nem sempre se terá conseguido ultrapassar a timidez ou o desinteresse de possíveis autores (potencialmente muito competentes) em nos apoiar na divulgação dos seus trabalhos.

Na linha dessa conjuntura, assaz decepcionante, dos meios intelectuais electrotécnicos (de difícil disposição para a literatura tecnológica) foi, porém, mantida, durante duas décadas, a condição suficiente para

consolidar o êxito dos objectivos sublinhados quando da primeira apresentação da «Electricidade».

Acontece, contudo, que, nos decorrentes anos setenta, esse condicionalismo circunstancial mudou felizmente de sinal. Com efeito, diversos trabalhos originais, de valia universalmente competitiva, são-nos oferecidos por número sempre crescente de estudiosos portugueses do ramo electrotécnico, quando encontram na «Electricidade» o meio nacional de os divulgarem.

Apontada e aceite tal matéria de facto, prosseguimos na ideia de que certos índices sintomáticos, avaliados pela missão que temos desempenhado, permitem fundamentar algumas opiniões acerca da evolução sectorial.

Se admitirmos (como nos parece evidente) que é absurda a hipótese de que (em meia dúzia de anos) a timidez clássica dos cientistas e técnicos nacionais, em redigirem os seus trabalhos para divulgação e expansão cultural, se tenha transformado em generalizada vocação para prestimosas colaborações (antes, apenas, potencialmente promissoras), temos logicamente por realista a observação de que a actividade operacional na investigação científica e aplicada se alargou em variados domínios da electrotecnia nacional.

Estamos, com efeito, perante a realidade de um crescente renascimento da determinação colectiva de portugueses, em maior número do que costumamos imaginar, de teimosa dedicação a estudo e especialização profissionais, os quais estão empenhados em missão verdadeiramente nacional de indiscutível projecção sócio-económica.

Observa-se, conjunturalmente, o feliz sintoma de que a expansão da acção cultural no sector electrotécnico toma posições que a afasta muito dos tradicionais casos esporádicos, posto que meritórios e dignos de justa admiração.

Diremos até que a promoção da «massa cinzenta» se vulgarizou nos domínios da electricidade teórica e aplicada e vai constituir factor de valorização da sociedade portuguesa, se a soubermos divulgar e para ela obtivermos (como merece) viável colocação extra fronteiras.

Nestes últimos anos do decénio parece-nos evidente que estamos virados para significativo investimento incóporo, de esperançosa eficácia positiva. Assim saibamos e consigamos, nas décadas que se seguem, colher os dividendos nacionais que lhe são adequados. A tal «massa cinzenta» pode ser matéria de boa valia para os Estados em desenvolvimento, quando por ela estejam interessados e dela indiscutivelmente necessitem.

F. A.